

Tudo Bem Ser Diferente: troca de experiências e aprendizado sobre diferenças ¹

Sônia Caldas Pessoa²

Resumo

O Blog Tudo Bem Ser Diferente (www.tudobemserdiferente.com) nasceu como um desabafo de mãe e se tornou uma rede de troca de informações de pais e educadores sobre educação inclusiva. A proposta do blog é tratar a diferença como um conceito que extrapola a deficiência e pensa a essência de diversidade do ser humano. Assim, o debate sobre a educação inclusiva busca o direito à igualdade quando a diferença inferioriza o ser humano (SANTOS, 2003). Ao completar um ano, o blog conta com sete colaboradores voluntários e desperta uma outra reflexão: por que algumas pessoas doam o seu tempo em prol da luta pela igualdade dos diferentes? Tudo isso deu origem ao meu projeto de doutoramento na UFMG sobre o discurso da diversidade nas redes sociais.

Palavras-chave

Tudo bem ser diferente; diversidade; diferença; educação inclusiva; redes sociais

Inquietações

A inquietude com a chamada educação inclusiva me trouxe algumas noites de insônia e muita vontade de discutir o assunto. Apresento a seguir várias indagações que me acompanharam antes do lançamento do projeto Tudo Bem Ser Diferente e ainda estão comigo, talvez de maneira mais forte, depois de iniciados os debates sobre o tema nas redes sociais. Incluir significa, como gostam de dizer algumas escolas, “aceitar” um aluno que tenha algum tipo de necessidade educação especial? Incluir significa colocá-lo em uma sala de aula com crianças que, em tese, não são diferentes ou especiais? Qual o papel das famílias? É possível uma parceria das famílias com a escola e vice-versa? Diferente é “apenas” quem tem uma deficiência perceptível?

Esclareço que, para esse artigo, considero diversidade e diferença como sinônimos, tendo em vista que o ponto comum dos seres humanos é a diferença ou, nas palavras da professora Mônica Pereira dos Santos (2013, p.20): “Somos, também, todos diferentes (diversos), e,

¹ Trabalho apresentado na modalidade Relato de Experiência na IV Conferência Sul-Americana e IX Conferência Brasileira de Mídia Cidadã.

² Jornalista, Professora de Jornalismo, Doutoranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: soniacaldaspessoa@gmail.com / www.tudobemserdiferente.com.

nisto, somos todos iguais”. Ainda com SANTOS (2010), entendo que a educação inclusiva deve ser compreendida como uma discussão teórica aliada às práticas educacionais.

Nesse sentido, a educação inclusiva engloba as práticas de inclusão desenvolvidas com o objetivo de incluir plenamente o aluno no processo educacional e nas atividades cotidianas da escola, bem como no relacionamento com a comunidade escolar. Essas práticas, necessariamente, devem envolver educadores, professores, técnicos, pedagogos, gestores e funcionários em geral (SANTOS, 2010).

Retomando algumas indagações sempre presentes nas discussões em Tudo Bem Ser Diferente: As crianças têm voz nessas práticas educacionais? As escolas conseguem atender às demandas dessas crianças, estão preparadas para isso? Por que alguns profissionais passam aos pais a ideia de que estão fazendo um favor? Professores, monitores, comunidade escolar conseguem entender o universo dessas crianças? Se envolvem efetivamente nas necessidades das crianças para melhorar a qualidade da participação dessas crianças nas escolas? As escolas conseguem mensurar resultados a não ser pelas notas dos alunos? E a sociedade? Como pode participar efetivamente? Como contribuir? Como participar efetivamente para minimizar o preconceito contra o diferente?

1 A criação do blog

As questões mencionadas foram as primeiras que motivaram a criação do blog Tudo Bem Ser Diferente (www.tudobemserdiferente.com) em março de 2012. A ideia do blog foi repentina. Uma angústia na educação, uma vontade de compartilhar, um desejo de debater. Pedi autorização ao meu filho para contar as suas histórias junto com as informações sobre educação inclusiva. Pedi também para publicar os seus desenhos: “Se você publicar o meu padrinho, a minha dindinha e os meus amigos vão poder ver que estou aprendendo a desenhar”, afirmou ele.

A diferença apareceu na minha vida de maneira mais intensa com o nascimento do meu único

filho, que completa sete anos em junho de 2013. Aos quatro meses ele foi diagnosticado com hidrocefalia ou, popularmente falando, acúmulo de líquido (líquido) no cérebro. No primeiro ano de vida foi submetido a oito cirurgias. Recuperou-se e, com uma rotina pesada de terapias, evolui a cada dia. Algumas sequelas de coordenação motora, no entanto, provocam reflexos em sua vida escolar, como dificuldades para se concentrar e escrever, além de desempenhar atividades como desenho, pintura, entre outras que exigem habilidades manuais.

Um pouco das histórias do meu filho e das nossas vivências, além da vivência de outras famílias e de profissionais, é o que eu abordo no blog e também nas redes sociais, tais como o [facebook.com/tudobemserdiferente](https://www.facebook.com/tudobemserdiferente) e o twitter @TudoBemSerDifer. O que nasceu como um grande desabafo ou um pedido de socorro se tornou uma rede de troca de informações para as famílias de crianças diferentes, profissionais da área de saúde e da educação, além de simpatizantes com a causa da educação inclusiva.

O debate sobre a diferença foi ampliado no blog; pensamos a diferença em uma perspectiva que contempla a deficiência, mas não só ela, inclui ainda a cor, a raça, o gênero, a idade, a diversidade sexual, as crianças adotadas, as minorias que, em suas diferenças, buscam a igualdade de direitos. Buscam o reconhecimento de suas identidades na diferença. Entendo e argumento que a diferença é vital para a condição humana; não se trata de patologia ou problema. Novamente com SANTOS (2013), refletimos sobre a desigualdade pelo não reconhecimento da diferença e pela tentativa de atribuir-lhe valor:

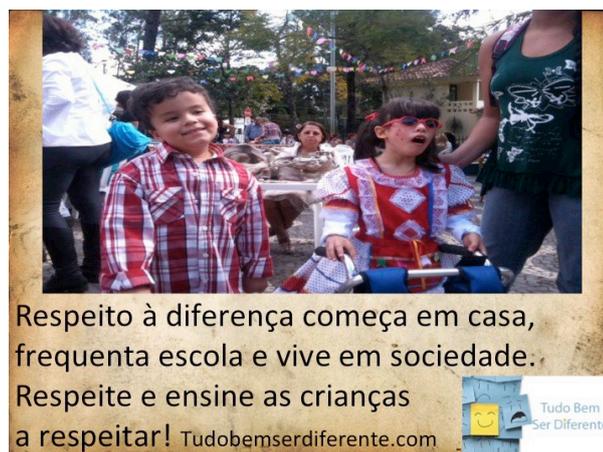
Ocorre que a desigualdade que vemos e sofremos em nosso dia a dia não é a que acima defendo, mas o seu contrário. É aquela oriunda das relações preconceituosas e discriminatórias que a sociedade estabelece com as diferenças. É aquela que estabelece valores diferenciados entre os seres humanos, em geral, fundamentados pelo que têm. É aquela, fruto de uma relação hierarquizada entre pessoas, que as classificam, conforme suas posses e suas forças políticas, como “valendo e merecendo mais”, ou “valendo e merecendo menos” (SANTOS, 2013, P. 20).

Tudo Bem Ser Diferente (figura 1) completou um ano em 2013 ampliando o espaço de diálogo com a sociedade. Além de manter uma entrevista semanal com familiares, pessoas diferentes e com profissionais que possam contribuir para a educação inclusiva, o blog conta hoje com sete colaboradores voluntários, sendo metade composta por pessoas com deficiência

e que foram meus alunos de Jornalismo em instituições de ensino superior de Minas Gerais, e a outra metade por familiares de pessoas com deficiência ou que lidam com a diferença em seus ambientes familiares e de trabalho.



Outra iniciativa para ampliar a interação e o diálogo com a sociedade é o lançamento da campanha *Respeito à Diferença*, cujo objetivo é mobilizar as pessoas por meio das redes sociais para a importância de conhecer, reconhecer, respeitar e conviver em harmonia com a diferença. A campanha é simples e foi criada artesanalmente. São divulgadas mensagens que visam os professores, as escolas, as famílias de crianças típicas, as famílias de diferentes, as empresas, a sociedade, em geral. Uma das mensagens da campanha pode ser conferida na figura 2 a seguir.



2. Diferença, Diversidade, Preconceito e Redes Sociais

Todas essas experiências me estimularam a modificar meu projeto de doutorado, que tinha como foco o discurso radiofônico, no Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da

Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (Poslin/Fale/UFMG). O novo projeto de pesquisa tem como objetivo principal compreender a complexidade discursiva dos perfis nas redes sociais voltados para a divulgação do respeito à diferença e contra o preconceito. Pretendo identificar, descrever e analisar as condições linguageiras de produção e as características discursivas, bem como as estratégias e o contrato de comunicação desse tipo de discurso. A pesquisa proposta será realizada à luz de importantes campos teóricos na área de Estudos Linguísticos, em especial a Análise do Discurso, além da Psicologia Social e da Comunicação Social.

O documento referência da Conferência Nacional da Educação 2014 traz como uma das temáticas centrais a diferença e a diversidade como pilares para a educação nacional inclusiva: “A diversidade, como dimensão humana, deve ser entendida como a construção histórica, social, cultural e política das diferenças que se expressa nas complexas relações sociais e de poder³”. O documento pede respeito às minorias e cita aquelas que trabalham com frequência para a conquista de direitos e contribuem para a ampliação de políticas públicas em prol da diferença. Entre elas, os quilombolas, os negros, as mulheres, a comunidade LGBT, as pessoas com deficiência, entre outras.

A famosa reflexão do professor Boaventura de Souza Santos sobre igualdade e diferença é um dos pilares que norteiam a nossa pesquisa teórica e a nossa prática cotidiana no blog:

Temos o direito de ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito de ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades (SANTOS, 2003, p. 56).

O respeito à diversidade está diretamente relacionado ao exercício da cidadania, ou seja, um olhar respeitoso para a diferença permite a igualdade de direitos e a inclusão plena dos sujeitos, com a constituição e a preservação de suas identidades no ambiente educacional e na sociedade.

As relações sociais complexas permitem o surgimento da tensão entre a normalidade e a anormalidade, bem da dicotomia dos comportamentos considerados padrão e daqueles

³ Disponível em http://fne.mec.gov.br/images/pdf/documentoreferenciaconae2014publicacao_numerada3.pdf.



exigidos dos estigmatizados, conforme aponta Goffman (1975):

A fórmula geral é evidente. Exige-se do indivíduo estigmatizado que ele se comporte de maneira tal que não signifique nem que sua carga é pesada, e nem que carregá-la tornou-o diferente de nós; ao mesmo tempo, ele deve manter a uma distância tal que nos assegure que podemos confirmar, de maneira indolor, essa crença sobre ele. Em outras palavras, ele é aconselhado a corresponder naturalmente, aceitando com naturalidade a si mesmo e aos outros, uma aceitação de si mesmo que nós não fomos os primeiros a lhe dar. Assim, permite-se que uma *aceitação-fantasma* forneça a base para uma *normalidade-fantasma*. Deve ele aceitar tão profundamente a atitude do eu que é definida como normal em nossa sociedade e deve ser parte dessa definição a tal ponto que isso lhe permita representar esse eu de um modo irrepreensível para uma audiência impaciente que fica em semiprontidão à espera de uma outra exibição. (GOFFMAN, 1975, P.133).

Baseados em mecanismos que permitem um mundo supostamente dividido entre bom e mau ou entre semelhantes e diferentes, alguns indivíduos desenvolvem conteúdos que alimentam os estereótipos. Esses, por sua vez, servem e sustentam o preconceito em uma cultura na qual são super dimensionadas definições precisas, conhecimentos, padrões de comportamentos, entre outros “valores”, considerados eficazes para o sucesso pessoal e profissional.

Paradoxalmente, ainda que em escala bem menor e com aceitação social ainda tímida, o movimento de defesa da diferença encontra eco, especialmente nas redes sociais. Mas o que levaria algumas pessoas e organizações a se posicionar publicamente, por meio da internet, a favor das diferenças? Shirky (2011) acredita que alguns sistemas funcionam nas mídias sociais com contribuições voluntárias e com excedente cognitivo. Essa poderia ser uma das explicações para a proliferação na internet de movimentos, antes restritos aos ambientes institucionais. Benkler e Nissenbaum (2006), que estudaram as virtudes pessoais, como autonomia e competência, como motivadoras para esse tipo de participação nas mídias sociais, definiram dois grandes grupos para as motivações sociais. O primeiro grupo estaria no entorno da conexão ou participação. Já o segundo abrigaria o compartilhamento e a generosidade.

A voz de quem colabora

Registro nesse relato de experiência a voz de alguns colaboradores do blog Tudo Bem Ser Diferente. Eles explicam os motivos que os levaram à participação dessa comunidade

simbólica na internet. Todos os trechos citados a seguir foram retirados dos próprios textos produzidos pelos colaboradores no primeiro semestre de 2013. .

O jornalista Ricardo Albino, que foi meu aluno de Jornalismo, tem paralisia cerebral, é cadeirante e tem deficiência visual. A coluna dele no blog se chama *Sobre rodas*:

Querem saber os motivos que me trouxeram para o Blog: TUDO BEM SER DIFERENTE EDUCAÇÃO INCLUSIVA? Foi a oportunidade de trabalhar e aprender mais um pouco com a Sonia Pessoa e compartilhar experiências de vida com os leitores e colegas colaboradores. Enxergo nesse espaço uma importante ferramenta de inclusão e cidadania; um local onde podemos mostrar a cara e o coração sem medo de preconceito. Sei que ainda temos muito a melhorar e sei que posso, devo e quero fazer minha parte. Afinal, aprendi que na vida somos todos iguais nas diferenças; somos gente, seres humanos com potencial e só precisamos de uma oportunidade para mostrar nossa capacidade.

Apaixonada por moda, ela assina a coluna *Ser diferente é fashion*. Também minha ex aluna, a jornalista Mariana Silva tem Displasia Óssea, uma síndrome que afeta o crescimento e a resistência dos ossos de todo o corpo:

Ah, já contei que nasci cega? Pois é. Vim ao mundo com Catarata Congênita, que só foi retirada quando eu tinha dois anos. Nesse tempo, nada via. Pessoas contam que eu as reconhecia pelos cheiros e pelas vozes, sempre colocando as mãozinhas em tudo. Ainda que o mundo tenha se apresentado com obstáculos, fui em frente. Entrei no pré-primário, depois na escola básica. Aqui o primeiro problema: não queriam me aceitar em um colégio “normal”. Foi necessário chamar o Instituto São Rafael para atestar que, mesmo com pouca visão, eu podia frequentar as aulas. A Secretaria de Educação também entrou na dança e disse para a escola que eu daria conta. Na infância não brincava de pega-pega porque não conseguia correr. Também não gostava de trabalhos de artes onde a visão fosse indispensável porque meus olhos não funcionavam muito bem. Mas, se o negócio era cantar ou conversar, não precisava chamar duas vezes. Eu topava!

Geraldo Toledo de Paiva Junior, 32 anos, é jornalista. especialista em Marketing Político, funcionário público, casado. Também meu ex aluno de Jornalismo escreve a coluna *Ser diferente é normal*. Tem paralisia cerebral e se locomove com a ajuda de bengalas:

Já disseram que não iria sobreviver e hoje estou aqui, que nunca iria andar, e hoje com ajuda das minhas amigas Jurema e Judith, minhas bengalas consigo me locomover, e as bengalas tem nomes, porque realmente são minhas amigas e fazem parte da minha vida. Disseram que nunca iria frequentar a escola regular, e com oito anos consegui entrar na escola com ajuda da justiça, daí pra frente fui só superando

obstáculos... falaram que eu não ia conseguir, eu ia lá e fazia, e assim, foi minha vida, A escola, o cursinho, a faculdade, a especialização, o emprego, a vida amorosa, enfim, tudo na minha vida foi superando desafios, desafios esses que não diminuíram e que tenho que enfrentar dia-a-dia.

Carlos Wagner Jota Guedes é mestre em sociologia e pai de um garoto que tem paralisia cerebral:

(...) minhas preocupações são quanto as discussões sobre a humanidade das pessoas com deficiência, as fobias e a dificuldade em trabalhar com o diferente. Em suma, a falta de hospitalidade com o outro. Entre esses casos me assusta a quase ausente presença de escritos de pais sobre a paternidade e, muito menos, da paternidade de filhos diferentes. Venho “pesquisando” e o que achei foi o infável livro de Cristovam Tezza “Pai eterno”. Minha esposa e alguns amigos têm me incentivado a começar a escrever sobre essa minha experiência.

Apontamentos finais

Ainda se fala pouco nas relações com a diferença, seja ela pela deficiência ou por cor, sexo, orientação sexual, idade, as chamadas doenças sociais, como as fobias e várias outras que estão na sociedade e quase sempre são consideradas como patologia no ambiente escolar. Falar abertamente sobre a diferença e entender o diferente em sua especificidade e seus direitos nada mais é do que abrir as portas para um debate que se faz urgente: a inclusão plena do diferente na sociedade e, em especial, no ambiente escolar e, futuramente, no mundo do trabalho.

Admitir publicamente a diferença e tratá-la com respeito e dignidade contribui para desmistificar as relações e quebrar tabus. A aprovação de leis é importante e garante os parâmetros para o que chamamos aqui de educação inclusiva nas relações educacionais. Mas somente posturas individuais, coletivas e institucionais vão permitir incluir, compreender, respeitar e conviver em harmonia com a diferença. Nesse sentido, Tudo Bem Ser Diferente busca nas redes sociais fortalecer o discurso do respeito à diferença e a inclusão plena dos diferentes em sociedade.

Referências

BENKLER, Y. e NISSENBAUM, H.. Commons-based peer production is a socio-economic system of production that is emerging in the digitally networked environment In: *The Journal of Political Philosophy*: Volume 14, Number 4, 2006, p. 394–419, 2006.

SANTOS, B. de S. **Reconhecer para libertar**: Os caminhos do cosmopolitanismo multicultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p.56



IX Conferência Brasileira de
Mídia Cidadã
IV Conferência Sul-Americana de Mídia Cidadã

SANTOS, M. P. PRÁTICAS DE INCLUSÃO EM EDUCAÇÃO:
DICAS PARA PROFESSORES. Disponível em <http://pt.scribd.com/doc/37442573/Monica-Pereira-dos-Santos-Praticas-de-Inclusao-em-Educacao>. Acesso em 21.05.2013.

SANTOS, M.P. Inclusão, diversidade e desigualdade no ensino superior. IN: SANTOS, M.P.; SILVA, A. P. da.; FONSECA, M.P. de S. da. Universidade e participação: Reflexões. Petrópolis, Rio: De Petrus et alii: Lapeade, 2013.

SHIRKY, C. A cultura da participação: criatividade e generosidade no mundo conectado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.